



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2015
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Engajamento e sentimentalismo: paternalismo na forma do romance " Jubiabá", de Jorge Amado
<b>Autor</b>	GIOVANI BUFFON ORLANDINI
<b>Orientador</b>	HOMERO JOSE VIZEU ARAUJO

TÍTULO - Engajamento e sentimentalismo: paternalismo na forma do romance *Jubiabá*, de Jorge Amado

AUTOR - Giovani Buffon Orlandini

ORIENTADOR - Professor Dr. Homero Vizeu Araújo

INSTITUIÇÃO - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Nos anos 1930, em meio a uma intensa polarização político-ideológica que permeou profundamente os debates literários, Jorge Amado destacou-se enquanto um dos maiores nomes da esquerda, tanto na produção ficcional quanto na crítica literária que circulava em periódicos editoriais. Intimamente influenciado pelos ideais então defendidos pelo Partido Comunista no qual militava, Amado levou a cabo um projeto literário autoral e específico, o romance proletário: uma narrativa capaz de denunciar o modo de exploração capitalista, contrapondo-se aos valores literários burgueses e ascendendo o oprimido à figura central. Ou seja, uma literatura de caráter utilitário e revolucionário, empregnada no processo de transformação da sociedade (DUARTE, 1996). Ainda que as obras desse projeto compartilhem de um propósito comum, a lógica de composição de cada uma delas apresenta características específicas, apontando o caminho de amadurecimento do autor em sua empreitada (BUENO, 2006). No caso de *Jubiabá* (1935), terceira das quatro obras do projeto de romance proletário e objeto central desse trabalho, a crítica tem apontado o aproveitamento estético de duas dimensões narrativas, combinando “componentes primitivos incrustados na tradição da narrativa oral com as formas consagradas da herança romanesca dos séculos XVIII e XIX” (DUARTE, 1996, p. 77), mais especificamente, estruturas populares como os ABCs e o cordel e a dinâmica maniqueísta e melodramática do folhetim. Existe uma marcante tendência de afetividade a permear as relações interpessoais no interior de *Jubiabá*: seja no amor platônico entre Balduino e Lindinalva – agregado e sinhazinha –, seja no vai e vem discursivo entre as vozes do narrador esclarecido e engajado e do protagonista iletrado em formação ideológica e militante – deflagrado no discurso indireto livre (WOOD, 2011) –, essa dimensão de ligação afetiva entre posições de classe distintas causa certo estranhamento na estrutura de uma obra que se propõe combativa e transmissora de uma mensagem que desvele os meandros da exploração na organização social e a superação dessa condição. Alguns críticos apontam atentamente a existência dessa dimensão sentimental das relações presentes no enredo de *Jubiabá*, mas não a problematizam em relação ao sentido que as intenções do autor pretendem impor à obra, detendo-se ao esclarecimento de que esse dado é devedor da herança folhetinesca melodramática mobilizada para aumentar a empatia entre os leitores e o protagonista (BERGAMO, 2008; DUARTE, 1996). Quando o olhar crítico volta-se mais detidamente para a forma narrativa de *Jubiabá*, entretanto, revela que essa aparente fissura formal, ou, esse descompasso entre as intenções autorais e a natureza das relações internas da obra aponta para uma mediação que dá conta de um traço fundamental da organização brasileira: uma dinâmica vertical de classes em que alguma ascensão dos menos favorecidos é, inevitavelmente, devedora da disposição paternalista dos que se encontram hierarquicamente em posição social superior. Assim, esse trabalho propõe-se a observar de perto as relações marcadas por afetividade em *Jubiabá*, sobretudo na relação entre o protagonista Balduino e o narrador onipresente e supostamente objetivo, com o intuito de observar o quanto os desdobramentos formais da obra ecoam ou refletem uma realidade extraliterária – mesmo a despeito das intenções do autor.